

06-08-2020

Os meninos de Tiana

Consuello Del Pratto Dias Leite

[Assistente social. Musicoterapeuta]

Em minha última coluna, no dia 02 de julho, eu invocava as carpideiras para seu canto de passagem dos 60 mil mortos por coronavírus no Brasil. Pois hoje, um mês depois, chegamos a 95 mil. Quantas colunas desse tipo serão necessárias para demonstrar nossa perplexidade indignada? Recentemente, retomando meu trabalho de supervisão escolar, no papel híbrido de assistente social e apoiadora para a criação de grupos musicais de crianças, meus olhos voltaram a brilhar, apesar da pandemia. A vida própria das cidades do interior de Pernambuco foi muito abalada como nas demais regiões do país. Mas, a dinâmica das pequenas comunidades, com suas proximidades geográficas – a praça, a igreja, o mercadinho, a farmácia, os bares e as lojinhas, o campo de futebol e a escola – estão lá como que em estado de encantamento. Funcionando ainda de forma muito tímida e desconfiada são ainda territórios esvaziados, mas não são espaços fantasmagóricos como os que vimos em alguns locais pela televisão em muitos locais do mundo no auge da pandemia. Bicicletas, motos e caminhões são quase presentes como eram antes.

As pessoas habituais da praça ainda não chegaram no devido número, mas os pássaros aumentaram sua participação na paisagem esperançosa. O que falta mesmo, ainda, são os grupos de crianças, em suas algazarras no vai e vem da escola. As crianças que circulam, em menor número, estão sempre juntas de adultos. Caminhando um pouco além do “centrinho” fui ver algumas casas que já conhecia com as “minhas crianças”. Sempre por perto de suas casinhas simples, olhavam-me desconfiadas com aquela máscara enorme que impede a plena visão, o pleno olfato, o pleno falar e o pleno sorriso, para quem usa e para quem olha para quem usa. Mas meus olhos brilhavam mesmo assim e, com a irresponsabilidade (cuidadosa) de tirar a máscara, guardando a distância requerida, eu enchia meu coração de orgulho e esperança. “Mãe, olha, é a Tia Consuello!” Mesmo sem poder abraçar e beijar as mães e a criança, a ponte do afeto era estendida entre pessoas e pessoinhas que se amam e se respeitam como cidadãos brasileiros. Depois de fazer o mesmo ritual umas quatro ou cinco vezes, após conversar e, enfim, cumprir meu papel de profissional da educação, fiz o caminho de volta, mascarada feliz, olhos marejados, coração em sintonia com a musicalidade da vida e a esperança.

Como sempre acontece quando caminho só pelas ruas de terra do sertão sigo cantando. Não escolho a música, a música sempre me escolhe. Cantarolar de máscara tem uma pequena vantagem. Quem passa não percebe que estou “falando” sozinha. “Boiadeiro”. A própria música me escolheu. Boiadeiro é tanto a cara e o jeitão de Luiz Gonzaga que muitos acham que a música é dele. E não deixa de ser. Mas, na verdade é de Klécio Caldas, um carioca e Armando Cavalcanti, um pernambucano.

Boiadeiro

Vai boiadeiro que a noite já vem
 Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem
 De manhazinha quando eu sigo pela estrada
 Minha boiada pra internada eu vou levar
 São dez cabeça é muito pouco é quase nada mas não
 tem outras mais bonitas no lugar
 Vai boiadeiro que o dia já vem
 Leva o teu gado e vai pensando no teu bem
 De tardezinha quando eu venho pela estrada
 A fiarada ta todinha a me esperar
 São dez fiinho é muito pouco é quase nada mas
 não tem outros mais bonitos no lugar
 Vai boiadeiro que a tarde já vem
 Leva o teu gado e vai pensando no teu bem
 E quando eu chego na cancela da morada
 Minha Rosinha vem correndo me abraçar
 É pequenina é miudinha é quase nada mas
 não tem outra mais bonita no lugar
 Vai boiadeiro que a noite já vem
 Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem

Fui com meu boiadeiro caminhando pra escola. Encontrei Laurinha, a merendeira. “Dona Consuello. Já voltou?” A escola vazia, Laurinha me disse que ia todo santo do dia pra lá. Limpava a cozinha, as panelas, os talheres. Às vezes lavava as toalhas. Mas não parava aí, passava um pano na escola toda. Bem dizer que a escola é miudinha, mas grandinha pro esforço de uma só. A escola é o amor de Laurinha. E Laurinha enche a escola de amor. “Dona Consuello, a senhora sabe que todo dia, os quatro meninos de Tiana vêm pra cá e ficam me ajudando um tiquinho? Eles gostam muito da escola. Já devem tá chegando.” Não resisti, resolvi esperar. Quando os três meninos e a menina de Tiana entraram na escola e me viram de máscara iam dando meia volta. Tirei a máscara rápido e ouvi aquela frase mágica: “Olha, é a Tia Consuello!” Pediram pra cantar. Eles nem perceberam que enquanto cantávamos “Boiadeiro” meus olhos ficaram marejados para sempre até o fim da pandemia..... ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.